

Coreto

Jornal de Literatura – Araxá - MG – 15 de maio de 2016 – Ano I – Nº. 004

Há cinquenta e um anos, nascia a AALetras

A Academia Araxaense de Letras foi criada em 1965 e sua instalação oficial deu-se em 15 de maio daquele ano.

Nos registros históricos de sua criação, consta que “um grupo de intelectuais resolveu criar” esta entidade cultural e “reunidos na Rádio Imbiara de Araxá”, indicaram os sete primeiros membros da agremiação que, por sua vez, indicaram mais outros sete..., ficando assim constituída por catorze Acadêmicos.

Ao longo de sua história, a AALetras teve a participação de uma série de escritores e hoje é formada por dezenove Acadêmicos.

A AALetras, por cadeira e sua ocupação, registra como imortais” os seguintes escritores:

Cadeira 1: Geraldo Porfírio Botelho e Jayro Alves Ribeiro.

Cadeira 2: Gilberto Augusto Silva, Renato César Jardim e Renato Zoain Zupo.

Cadeira 3: Hélio Alves Ferreira, Terezinha Oliveira Lemos e Maria de Lourdes Bittencourt de Vasconcelos.

Cadeira 4: Danilo Cunha e Eurípedes Candine.

Cadeira 5: Adélia Pereira Vale e Rosa Helena Vilaça de Abreu.

Cadeira 6: Maria Santos Teixeira, Paulo de Tarso Santos e Sílvio Lúcio Camarota.

Cadeira 7: Leonilda Scarpellini Montandon e Cecília Beatriz Porfírio Pereira Rosa.

Cadeira 8: Paulo Gomes de Meneses, Cristiano Barsante Santos, Olavo Drummond e Olavo Drummond Filho.

Cadeira 9: Clodoveu Afonso Almeida, Calmon Barreto, Josaphat Guimaraes França, Geralda Afonso Costa e Cátia Maria Lemos Melo Zema.

Cadeira 10: Edson Porfírio Ferreira.

Cadeira 11: Sofia Tannus Malki

Cadeira 12: Heitor Gentil Montandon, Augusto Eduardo Montandon e Joao Rios Montandon.

Cadeira 13: Lúcia Soares Ferreira, Vander Castro Alves, Ir. Domitila Ribeiro Borges e Tarcísio Cardoso.

Cadeira 14: Pe. José Lacerda Sobrinho, Antônio Alvarenga de Resende e Agnelo Guimaraes Borges.

Cadeira 15: Abrahão Abílio Tannus e Hermes Honório da Costa

Cadeira 16: Atanagildo Cortes

Cadeira 17: Carlos José Lemos e Carolina Angélica de Oliveira Passos.

Cadeira 18: Boanerges Lemos da Silva.

Cadeira 19: Luciano Justiniano

Ribeiro e Fernando Braga de Araújo

Cadeira 20: Mário Cecílio Salomão e Vilma Terezinha Cunha Duarte.

Cadeira 21: Pe. Hélio Comissário da Silva e Márcio Antônio Paula Duarte.

Cadeira 22: Glaura Teixeira Nogueira Lima

Cadeira 23: Ana Paula Machado Kikuchi

Geraldo Porfírio Botelho foi o primeiro presidente da AALetras, hoje presidida pelo Acadêmico Márcio Antônio Paula Duarte.

Para o atual presidente, a AALetras “desde sua criação, em 15 de maio de 1965, vem cumprindo sua missão de ser, de fato, um espaço criativo e dinâmico, não ficando à margem do processo da vida, com sua evolução permanente, participando do cotidiano da sociedade araxaense para o bem melhor e intenso das letras”.

Paineiras

Céu passado a limpo,
sem nuvens.

Vento leve trazendo notícias do frio.

E as paineiras vão derramando rosa
no abril translúcido

Carolina Guimarães

Editorial

Estamos vivendo momentos de tensão, de insegurança, de dúvidas, de insatisfações. Os fatos políticos que geraram as instabilidades e o quadro golpista mudaram o comportamento da sociedade e criaram o sentimento de um futuro totalmente incerto...

Como estamos tratando de Literatura, imagino que muitos textos bons já estão sendo produzidos e em circulação. A tendência é de que tenhamos uma intensificação da produção literária na medida em que o sofrimento aumentar e a palavra voltar a ser utilizada como instrumento de resistência.

Wallace Stevens disse, certa vez, o seguinte: “É estranho que tão poucos deles (os críticos) percebam que se faz poesia por necessidade. A maior parte parece supor que se escreve para imitar Mallarmé ou filiar-se a uma escola literária. A poesia não é uma atividade literária, e sim vital”.

Entre os fatos absurdos que estão acontecendo, eis que surge um que tem merecido pouca atenção e que é da maior importância. Trata-se da censura e silenciamento dos professores dentro das escolas em relação à política, como se política fosse assunto e propriedade privativos dos senhores deputados, senadores, vereadores, prefeitos e governadores, dos eleitos pelo povo, mas por um povo que não pode ter conhecimento nem mesmo do porque estão votando e elegendo.

Já silenciaram o professor quando criaram o livro

didático com atividades pedagógicas e exercícios, todos com respostas já prontas e distribuídos no “livro do professor”. Acabaram com os livros didáticos que continham textos básicos colocados nas mãos dos alunos como roteiros de estudos e aprendizagens. Recentemente, na propaganda institucional do livro didático, veiculada em rádio e televisão, alguém convidava os pais: “– Venham conhecer o livro didático que vai ensinar seu filho!”. E, agora, já é lei em diferentes lugares do país, inclusive no Distrito Federal, que o professor não pode falar de política dentro da escola, sobre partido político, pior ainda. Lembro-me também que o governo de Minas, nas eleições de 2014, proibiu essa discussão dentro das escolas através de circular da Secretaria de Estado da Educação...

Mas o que nos interessa aqui e agora é o fato de que a Literatura pode ser a saída, ou pode ser a porta de entrada nesse universo proibido pelas forças dominantes, como recurso para tirar a mordida da boca de quem tem como função profissional, vital e existencial o falar, o questionar, o provocar discussão, o construir conhecimento.

Um exemplo está na frase “É preciso temer o Têmer!”, mas Têmer, com acento circunflexo, como recomenda a gramática da Língua Portuguesa, não diz respeito ao Presidente da República em exercício, cujo sobrenome não faz parte da Língua

Portuguesa. Então, eu posso dizer e escrever essa frase sem ser condenado por isso. Ou posso escrever a frase toda com letras maiúsculas “É PRECISO TEMER O TEMER!” e deixar lá o nome do Presidente em exercício tal como ele é, porque, em bom Português, devo pronunciar: “É preciso temer o temer!”. Estarei dizendo que é preciso ter medo de ter medo. Posso ainda trabalhar a ideia de que o verbo precisar pode significar ter necessidade ou ter precisão, exatidão. E enquanto se discute esta questão dos recursos da Língua Portuguesa, literariamente a mensagem já foi enviada e experimentada por leitores e ouvintes.

Temporal

Girei os ponteiros ao contrário,
Inverti o Tic-Tac,
Tac-Tic,
Mas não voltou, o tempo não volta.

Caminhei de costas,
Por memórias opostas,
Mas não voltou, o tempo não volta.

Lembro de tudo,
Meus erros, estudo!
Mas não mudo...
Não volto, nem vou,
Só continuo.

Apago o que foi escrito,
Silêncio o que foi dito,
Restauro o que foi destruído,
Mas não volta, o tempo acabou.

Se hoje me arrependo,
Não é pelo que estou sofrendo,
Mas sim pelo que acabei fazendo,
Por não saber aproveitar
o que estava vivendo.

Por mais que cruel seja,
Nenhum ponto, vírgula ou acento,
Poderá algum dia mudar
Um pretérito imperfeito.

Lucas Soares

Expediente

Editores: Hermes H. da Costa e Márcio de Paula.

Colaboradores: diversos.

Os textos, com suas informações, são de responsabilidade de seus autores.

coreto.jornal.de.literatura@gmail.com

ABL abre espaço para discutir “os papéis dos poderes”

A Academia Brasileira de Letras entra, nesse mês de maio, no espaço das discussões políticas com um Ciclo de Conferências “Os papéis dos poderes”, sob a coordenação do Acadêmico e jornalista Merval Pereira. O evento está programado para as terças-feiras, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., Avenida Presidente Wilson 203, Castelo, Rio de Janeiro. Com Entrada franca.

A primeira palestra, “O STF e a judicialização da política”, foi realizada no dia 03 de maio, na abertura do Ciclo, com o conferencista Joaquim Falcão.

O cientista político e sociólogo Sérgio Abranches fez a segunda palestra do ciclo. O tema da conferência foi “O atual presidencialismo de coalizão”.

O Ciclo de Conferências “Os papéis dos poderes” terá mais três palestras, sempre às terças-feiras, no mesmo endereço e horário, com os seguintes dias, conferencistas e temas, respectivamente: dia 17, Marcus Vinicius Furtado Coelho, “Novo presidencialismo: uma saída para o Brasil”; dia 24, Octávio Amorim Neto, “Sistemas de governo

contemporâneos: parlamentarismo, presidencialismo e semipresidencialismo”; e dia 31, Edmar Bacha, “Abrir ou abrir: eis a questão”.

A Acadêmica Ana Maria Machado é a coordenadora-geral dos ciclos de conferência de 2016.

Em tempo de instabilidade política e de ameaças à “democracia”, ao “estado de direito” e à Constituição Brasileira, a ABL participa dos debates e entra na ordem das discussões e da conscientização, confirmando a participação dos escritores na vida sócio-política do Brasil.

Mais uma edição de “O Trem da História”

A Fundação Cultural “Calmon Barreto” lança, no próximo dia 19, mais uma edição de “O Trem da História”, no Teatro Municipal, às 19 horas.

Essa revista, como seu nome registra, tem publicado páginas nobres e significativas da história de Araxá, confirmando o papel dessa Fundação ao longo das últimas três décadas.

Nascida nos primeiros anos depois do fim da ditadura militar no Brasil, ela foi criada

quando Kleber Pereira Valeriano era Prefeito (o último nomeado, conforme era próprio nas capitais de estado e cidades estâncias).

Nos governos de Aracely de Paula e de Waldir Benevides de Ávila, entre 87 e 92, essa Fundação teve forte participação cultural e popular na cidade. É desse tempo a construção da plataforma que receberia um exemplar de locomotiva para registro e demonstração da

importância da ferrovia para Araxá.

A partir de 1993, esse projeto foi abortado e os trilhos ainda esperam pela vinda da locomotiva até hoje.

Por outro lado, a revista “O Trem da História” continua ocupando o seu espaço e cumprindo o seu papel.

“É lícito afirmar que são prósperos os povos cuja legislação se deve aos filósofos.” Aristóteles

O Acadêmico José Murilo de Carvalho, Eduardo Vidal e Ricardo Lessa debatem na ABL o tema “Política e ódio”, no Seminário “Brasil, brasis”, nesse dia 19 de maio, quinta-feira, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., Avenida Presidente Wilson 203, Castelo, Rio de Janeiro, e será transmitido pelo portal da ABL. Um bom programa para essa noite.

Festival histórico da MPB faz 50 anos

Depois de cinquenta anos de seu surgimento, a Música Popular Brasileira tem seu lugar garantido em todos os espaços culturais do mundo inteiro; revelou nomes de reconhecimento internacional, como Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Milton Nascimento, Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e mais uma centena de nomes que estão inscritos para sempre na música e na literatura brasileiras, bem como na História do Brasil destes últimos anos.

O ano de 1966 marcou o nascimento da Música Popular Brasileira (MPB). Foi a partir da realização do Festival Nacional de Música Popular Brasileira e II Festival de Música Popular Brasileira. Esses dois eventos selaram, de vez, o nome de MPB para um gênero de música urbana feita no Brasil, que reunia um tipo de melodia fundada nas raízes da cultura musical brasileira e letras marcadamente de cunho social e crítico, em relação ao poder dominante no país, que vinha de um golpe à democracia vigente e implantação de uma ditadura militar, a partir de 31 de março de 1964. Tudo começou com o I Festival, em 1965, vencido por Arrastão, mas foi a partir desses festivais de 1966, que a MPB configurou definitivamente como um gênero musical que substituiria a Bossa Nova que já não representava a voz do povo e da juventude musical brasileira. Outros Festivais aconteceram até 1985, exatamente no ano em que terminou a ditadura militar no Brasil, e apresentando diferentes tendências musicais no Brasil de então, com destaque para a tropicália, com acentuada presença da cultura baiana. Portanto, os Festivais de MPB e a ditadura militar têm uma relação estreita do ponto de vista temporal e um enfrentamento mútuo, durante esses 20 anos.

Considerando o caráter social e político de grande parte das letras da MPB em seus festivais e a participação de grande parte dos compositores e intérpretes nos movimentos de resistência e combate à ditadura, os festivais foram sempre vigiados pelos agentes de repressão do governo, especialmente o DOPS, mas também todos os agentes policiais espalhados em todas as cidades do país.

Devido a esse enfrentamento, muitos compositores e intérpretes foram presos e tiveram que enfrentar presídios e o exílio ao

longo de anos, ou mesmo a morte ou o desaparecimento.

Pelo caráter de enfrentamento vivido pela MPB, nesse período, a qualidade literária das letras musicais era especial, pois se fazia necessário o uso permanente e acentuado dos recursos literários para driblar a repressão e a censura exercidas pelos controles do governo e da polícia.

Os vencedores

O I Festival teve como vencedor “Arrastão” (Edu Lobo e Vinicius de Moraes) – intérprete: Elis Regina

O Festival Nacional foi vencido por: “Porta-Estandarte” (Geraldo Vandré e Fernando Lona) – intérpretes: Tuca e Airto Moreira
E o II Festival teve como vencedores (empatados):

“A Banda” (Chico Buarque) – intérpretes: Chico Buarque e Nara Leão
“Disparada” (Geraldo Vandré e Théo de Barros) – intérpretes: Jair Rodrigues, Trio Maraiá e Trio Novo

A seguir, melhor que comentar a qualidade das letras é oferecê-las à leitura e análise. Aí estão. (E, no final de cada letra, está o link para quem quiser ouvir, em gravação original).

Arrastão

(Vinicius de Moraes e Edu Lobo)

Eh! tem jangada no mar
Eh! eh! eh!
Hoje tem arrastão
Eh! Todo mundo pescar

Chega de sombra, João Jovi
Olha o arrastão entrando no mar sem fim
É meu irmão me traz lemanjá pra mim
Minha Santa Bárbara me abençoi

Quero me casar com Janaína

A Banda
(Chico Buarque)

Pensando que a banda tocava pra ela

Mas um dia me montei
Não por um motivo meu
Ou de quem comigo houvesse
Que qualquer querer tivesse
Porém por necessidade
Do dono de uma boiada
Cujo vaqueiro morreu

Eh! Puxa bem devagar
Eh! eh! eh!
Já vem vindo o arrastão
Eh! É a rainha do mar
Vem,
vem na rede João pra mim
Valha-me meu
Nosso Senhor do Bonfim
Nunca jamais se viu
tanto peixe assim

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

A marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu
A lua cheia que vivia escondida surgiu
Minha cidade toda se enfeitou
Pra ver a banda passar cantando
coisas de amor

Boiadeiro muito tempo
Laço firme e braço forte
Muito gado, muita gente
Pela vida segurei
Seguia como num sonho
E boiadeiro era um rei

https://www.google.com.br/?gfe_rd=cr&ei=psg5V5mIDOKU8QfnyoHoBQ&gws_rd=ssl#q=arrast%C3%A3o+elis+regina

A minha gente sofrida
Despediu-se da dor
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

Mas para meu desencanto
O que era doce acabou
Tudo tomou seu lugar
Depois que a banda passou

Mas o mundo foi rodando
foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E nos sonhos
Que fui sonhando
As visões se clareando
As visões se clareando
Até que um dia acordei

Porta Estandarte
(Geraldo Vandré)

Olha que a vida tão linda se perde em tristezas assim

Desce o teu rancho cantando essa tua esperança sem fim
Deixa que a tua certeza se faça do povo a canção
Pra que teu povo cantando teu canto ele não seja em vão

O homem sério que contava dinheiro parou
O faroleiro que contava vantagem parou
A namorada que contava as estrelas
Parou para ver, ouvir e dar passagem

E cada qual no seu canto
Em cada canto uma dor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor
Depois da banda passar
Cantando coisas de amor

Então não pude seguir
Valente em lugar tenente
E dono de gado e gente
Porque gado a gente marca
Tange, ferra, engorda e mata
Mas com gente é diferente

Eu vou levando a minha vida enfim
Cantando e canto sim
E não cantava se não fosse assim
Levando pra quem me ouvir
Certezas e esperanças pra trocar
Por dores e tristezas que bem sei
Um dia ainda vão findar
Um dia que vem vindo
E que eu vivo pra cantar
Na Avenida girando, estandarte na mão pra anunciar

A moça triste que vivia calada sorriu
A rosa triste que vivia fechada se abriu
E a menina toda se assanhou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

<https://www.youtube.com/watch?v=P6QTQOVnYDM>

Disparada
(Geraldo Vandré)

Prepare o seu coração
Pras coisas
Que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar

Se você não concordar
Não posso me desculpar
Não canto pra enganar
Vou pegar minha viola
Vou deixar você de lado
Vou cantar noutro lugar

Estava à toa na vida
O meu amor me chamou
Pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor

Aprendi a dizer não
Ver a morte sem chorar
E a morte, o destino, tudo
A morte e o destino, tudo
Estava fora do lugar
Eu vivo pra consertar

Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém
Que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse

<https://www.lettras.mus.br/geraldo-vandredre/46167/>

O velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou
Que ainda era moço pra sair no terraço e dançou
A moça feia debruçou na janela

Na boiada já fui boi

(Continua na pág 06)

(Continuação da pág. 05)

Por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu
Querer ir mais longe
Do que eu

Que junto comigo houvesse
Que quisesse ou que pudesse
Por qualquer coisa de seu
Por qualquer coisa de seu
Querer ir mais longe
Do que eu

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei
Agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte
Num reino que não tem rei

Mas o mundo foi rodando
Nas patas do meu cavalo
E já que um dia montei
Agora sou cavaleiro
Laço firme e braço forte
Num reino que não tem rei

Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por mim nem por ninguém

<https://www.youtube.com/watch?v=C4AzxTlzyHw>

Amizade sincera

Mãe, você foi boa,
Eu não te troco por ninguém.
Mãe, eu te amo muito, muito,
Sei que você me ama também.

Mãe, você foi gênio,
Me ajudou a estudar.
Mesmo tão ocupada,
Não se esqueceu de como amar.

Mãe, você foi responsável,
Sempre veio pra me lembrar,
Que a vida é só uma
E a gente tem que valorizar.

Mãe você foi amiga,
Que, no frio, veio me aquecer.
Quem me amou de verdade,
Mãe, eu nunca vou te esquecer.

Gabryella Marques da Silva
(E.M.Auxiliadora Paiva e Oratório)

Circunstancial Eterno

Carolina Guimarães

Quero capturar o instante agora e prendê-lo nas mãos em concha.
Não deixar que ele se esvaia como a liquidez da água, por entre os dedos frouxos.

Quero cortar as asas da fugacidade e impedir que ela voe para o nunca mais.
Não deixar que se dilua no ar como a brisa leve das passageiras estações.

Quero capturar o instante único do seu sorriso e o brilho mistério do seu olhar,
e a voz morna,
e o toque das mãos,
e o corpo inteiro,
aragem morna das manhãs de outono
ou vulcão, frêmito desvairado.

Quero fazer eterno o meu circunstancial e único momento.

“Facebook é um tranquilizante para tratar nossa solidão e falta de conhecimento.” (Zygmunt Bauman)

“Lo más desolador, lo único verdaderamente desolador que hay en este mundo es tener que exclamar: «¡Ya es tarde!».”
Wallace Stevens

Meu amigo, eu não devia escrever isso... mas esse vinho... essa cachaça...essa justiça... essa injustiça... essa incompetência... esse analfabetismo político... esses desmandos e sacanagens...

É PRECISO TEMER O TEMER!

“Tocha Olímpica” passa por Araxá

Foi um dia de festa para tanta gente e que marcou a história da cidade. Nesse 8 de maio de 2016, “Dia das Mães”, professores e alunos foram em peso para as ruas e avenidas de Araxá preparadas para a passagem da Tocha com o Fogo Olímpico que iluminará e aquecerá os jogos das Olimpíadas do Brasil.

Ao longo de quatro quilômetros, atletas e representantes da comunidade araxaense percorreram ruas e avenidas sob aplausos dos presentes. Em cada ponto em que a tocha trocava de mãos, as mais diferentes manifestações culturais de Araxá estavam presentes como registro da diversidade e da pluralidade cultural presente nessa comunidade de mais de 110 mil habitantes.

As imagens desse acontecimento estarão contando a história desse dia para as futuras gerações.

Nesse mesmo dia, esse acrimonial aconteceu em Uberaba, e repetiu-se em Serra do Salitre, Patrocínio e chegou a Patos de Minas.

A curiosidade ficou por conta das rádios locais de Araxá, que continuaram sua programação rotineira e desconheceram que, nessas duas horas centrais do dia 8 de maio de 2016, Araxá foi marcada por um acontecimento original e único até hoje, pois é a primeira vez na história que o Brasil sedia as Olimpíadas e não se sabe quando isso poderá ocorrer novamente.

A tocha apagou as diferenças e acendeu esperanças. As manifestações não marcaram separações. Bandeiras de todas as cores coloriram ruas e avenidas. E a cidade era uma só alegria e as mesmas emoções.

II – Caso de família

A filha dele recebeu como tarefa de escola uma figura produzida pelo Maurício relacionando o Mito da Caverna, de Platão, com a televisão dos tempos de hoje. Colocava a filha dele para pensar e pedia a opinião dela sobre a figura... Ela consultou o pai e ele deu uma opinião baseada em fatos presentes...

“Infelizmente, filha, a nossa caverna é bem pior que a de Platão. Primeiro, porque não há corrente que nos prendem, mas vivemos acorrentados em nossas cavernas, pelo desconhecimento, pela dureza dos corações, pela ingratidão... pela dominação que aceitamos e que muitos até desejam e buscam; até mesmo pela arquitetura das habitações urbanas de nosso tempo - verdadeiras cavernas. Vivemos de aparências e o que mais nos importa são as figuras, as imagens, a ilusão que nos vendem. Maurício foi muito feliz na imagem representada na figura, pois a TV é o canal que temos com o exterior da caverna, e que não mostra o exterior real, mas uma realidade falsa (sombras) que tomamos como verdades e realidades.

Se algumas pessoas ousam discordar da TV e mostrar uma realidade mais concreta, os tribunais dos “Joaquins Barbosas” e dos “Sérgios Moros” estão prontos para crucificá-las e destruí-las. Nem falo dos poetas, filósofos e profetas de nosso tempo, pois não há espaço para eles e sua voz é constantemente abafada pelo poder da mídia, do capital e dos tribunais.

Mas, como no Mito da Caverna de Platão, há sempre algum prisioneiro que escapa e tenta libertar outros prisioneiros, mesmo que isto lhe custe a vida terrena, temporal, baseada em figuras e imagens... mas os poetas, filósofos e profetas não morrem, pois eles conhecem a realidade e não há como aprisioná-los.

É isso aí, filha! Um abraço.”

III – Entre amigos

Um amigo meu, depois de degustar algumas doses da cachaça Pau de Binga, rompeu com o silêncio de mais de um minuto dos ocupantes da mesa e soltou a seguinte reflexão...

“Olhem! São 15 vereadores e os afastados... e tem mais a consulta popular pleiteando o aumento do número de vereadores... Eu defendo que podíamos ter pelo menos 100 vereadores. Se somos mais de 100 mil habitantes, o que custa pagar 800 mil reais e mais umas duas vezes isso para os assessores e pessoal de gabinete... Dois milhões e meio, aproximadamente, por mês... Afinal de contas, eles trabalham muito; têm que responder presença às terças-feiras no Plenário da Câmara, à tarde... depois do almoço... na hora da sesta... e com esse calor... de barriga cheia... naquela região despovoada da cidade... é muito trabalho!... muito sacrifício!...”

Aí, o silêncio foi mais intenso e só interrompido por uma gargalhada que rodeou toda a mesa.

Carlos Henrique de Freitas Cardoso

É maio

No céu oeste de Araxá
Brilha a estrela vespertina
É maio.

Do outro lado,
Imensidão bordada de estrelas
É maio.

Marte contempla o Cruzeiro
E pisca, pisca, avermelhado
É maio.

Entre amores e ciúmes
Contemplo minhas estrelas
É maio.

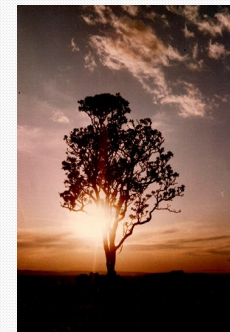
Noite escura, céu bordado
Enlouquecer, apaixonar-se
É maio.

É maio
A lua é mais cheia.

É maio
Tem mais pôr de sol

É maio
Eu quero mamãe

É maio
Tem mais arrebol.



Hermes

Bloquetes

Meus olhos tropeçam em bloquetes na esquina da rua
homens e máquinas reviram a terra antes, calçada por eles
revolvem a terra socada a braços há muitos anos, por outros homens.

Arrancam o velho calçamento como quem procura ouro,
pedras preciosas, peças arqueológicas nos escombros de outras gerações...
E nada encontram porque nada buscam.
Apenas escavam.

Era o último trecho da rua desenhado com bloquetes que guardavam em poemas o chão pisado por Porfirios e Botelhos no quarteirão em que fizeram moradias.

Agora é terra virada, buracos barulhos e mais buracos como se dali arrancassem relíquias relíquias arqueológicas da antiga cidade.

Mas são apenas esgotos e sarjetas antes cobertos pelos blocos hexagonais. Foram construídos e colocados pelos que vieram antes foram pisados pelos nossos pais avós, bisavós... e tantas gerações que já se foram.

Meus olhos contemplam os bloquetes que enchem caçambas e caminhões serão lançados em algum aterro ou jogados em algum entulho sepultando de vez a memória desta rua.

Amanhã, derramaremos lágrimas um manto de lágrima negra cobrindo e apagando a memória dos bloquetes que perderam a concorrência para a lama negra de asfalto que moderniza a cidade.

Meus olhos passeiam sobre bloquetes nas praças e nas ruas guardados na memória, no coração...

Hermes

AALetras realiza ciclo de oficinas de Literatura

A academia Araxaense de Letras já realizou dois eventos de seu programa de ciclo de oficinas de Literatura. O primeiro foi coordenado pela Prof.ª Carolina de Oliveira e o segundo pelo Prof. Hermes Honório da Costa. Carolina discutiu com os participantes a arte de fazer crônica, entre outras questões. Hermes discutiu o poder da palavra poética e a arte de fazer poemas, lançando, inclusive um desafio aos presentes: fazer poemas para serem publicados no “Coreto”. Lucas Soares, Presidente da AJULE, já está nessa edição com o poema “Temporal” (pág. 2).

Outros eventos já estão sendo programados e os interessados podem fazer contato com a AALetras.

Esta edição tem o patrocínio de

Cachaça

Pau de Binga

- pura, orgânica, artesanal -

Araxá-MG / (34)3662-4681/98897-4681
hermeshc@gmail.com

TRABALHO DE CUNHA É PRODUIR
RACHAS E LASCAS.